

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

O CAPITAL COMERCIAL EM KARL MARX
(TEXTO DIDÁTICO)

PROF. MSC. PAULO SÉRGIO SOUZA FERREIRA
JANEIRO DE 2016

O capital comercial divide-se em: (1) capital de comércio de mercadorias; e (2) capital de comércio de dinheiro. O capital global da sociedade sempre se encontra como mercadoria no mercado ou como dinheiro, que será transformado posteriormente em mercadoria. Essas duas funções do capital, o qual se encontra confinado na esfera da circulação, se autonomiza e passa a ser o negócio de uma classe específica de capitalistas atribuída pela divisão social do trabalho. Dessa forma, o capital-mercadoria torna-se capital de comércio de mercadorias ou capital comercial. Veja-se, a definição de capital comercial proposta por Karl Marx:

(...) O capital global sempre se encontra empenhado no movimento dessa passagem, dessa metamorfose formal. À medida que essa função do capital, que se encontra no processo de circulação, passa a ser autonomizada como função específica de um capital específico, fixando-se como uma função adjudicada pela divisão do trabalho, a uma espécie particular de capitalistas, o capital-mercadoria torna-se capital de comércio de mercadorias ou capital comercial (Livro 3, volume 4, página 203).

O capital comercial não pode ser confundido com processos de produção que persistem dentro do processo de circulação. São eles: (1) a indústria de transportes; (2) de armazenamento; e (3) a indústria de distribuição das mercadorias. Em parte, se encontram ligadas (na prática) às funções específicas do capital comercial. No entanto, com o desenvolvimento da divisão social do trabalho, as funções do capital comercial se autonomizam frente aos processos de produção que ocorrem na esfera da circulação.

A existência do capital como capital-mercadoria constitui uma fase do processo de reprodução do capital industrial. No entanto, nessa função de capital de circulação se diferencia de si mesmo como capital produtivo. Ou seja, são duas formas separadas, diferenciadas do mesmo capital (capital comercial e produtivo). Parte do capital global, que se encontra na forma de capital-mercadoria, constitui apenas um ponto de passagem em constante desaparecimento (mercadorias vendidas) e constantemente renovado (mercadorias lançadas no mercado).

O capital de comércio de mercadorias é a forma transmutada de parte do capital de circulação. O comerciante de mercadorias aparece primeiro no mercado como possuidor de capital monetário (na forma dinheiro) que ele adianta, ou seja, quer transformar Y em $(Y +$

ΔY). Como comerciante de mercadorias, seu capital aparece primeiro como capital monetário no mercado, pois precisa comprar mercadorias para comercializá-las posteriormente.

A forma de valorização do capital do comerciante de mercadorias é descrita da seguinte forma por Marx:

Suponhamos que um comerciante de mercadorias possua 3 mil libras esterlinas, que ele valoriza como capital de comércio. Com essas 3 mil libras esterlinas compra, por exemplo, 30 mil varas de linho do fabricante de linho, a vara por 3 xelins. Ele vende essas 30 mil varas. Se a taxa média de lucro anual = 10% e ele, depois da dedução de todos os custos acessórios, faz um lucro anual de 10%, então ao término transformou 3 mil libras esterlinas em 3300 libras esterlinas. Ele compra constantemente linho e vende constantemente esse linho. Sua operação consiste em comprar para vender (D – M – D'), a forma simples do capital, já que está completamente cativo do processo de circulação, sem ser interrompido pelo intervalo do processo de produção (...) [pág. 204-05].

Relação entre o capital de comércio de dinheiro e o capital-mercadoria como mera forma de existência do capital industrial

Para o produtor de mercadorias, a venda de seu produto significa a realização do valor de sua mercadoria, o qual pode ser usado para o prosseguimento do processo de reprodução material de seu capital industrial. Marx utiliza o exemplo do linho em sua exposição. Após a venda do linho, ele ainda continua no mercado como capital-mercadoria (apesar de seu valor ter-se realizado para o seu fabricante). Nesse caso, a função de vender o linho foi arrancada do produtor pelo comerciante e ela foi transformada em função específica desse último.

A conexão entre o capital de comércio de mercadoria e o capital-mercadoria como forma de existência do capital industrial fica ilustrada pelo seguinte fato: caso o comerciante não consiga vender as 30 mil varas de linho novamente, ele não poderá comprar novamente do produtor, o qual reinvestiu o dinheiro auferido com a venda do linho ao comerciante em seu próprio negócio, ou seja, produtivamente. Nessas circunstâncias, ele lança mais mercadorias no mercado para serem vendidas. A incapacidade do comerciante de comprar novamente o linho (o produto não foi vendido e se encontra em depósito) interrompe o processo de reprodução do capital industrial. Por conseguinte, as funções desempenhadas pelo comerciante são apenas as funções

necessárias para realizar o valor do capital-mercadoria do fabricante de linho. Marx refere-se a essa conexão da seguinte forma:

(...) Aqui se mostra, portanto, realmente, de modo palpável, que as operações do comerciante são apenas as operações que precisam ser executadas de modo geral para transformar em dinheiro o capital-mercadoria do produtor, as operações que intermedeiam as funções do capital-mercadoria no processo de circulação e de reprodução (pág. 205).

Por conseguinte, o capital de comércio de mercadoria é apenas o capital-mercadoria do produtor. No entanto, essa função é agora desempenhada por uma classe particular de capitalistas (o comerciante de mercadorias).

Na venda do capital-mercadoria do produtor para o comerciante, tal ato representa para o capitalista produtivo a forma $(M - D')$, enquanto que para o comerciante é $(D - M - D')$, ou seja, é a forma específica de valorização do capital monetário adiantado por ele na circulação e encerrado nela mesma.

Porque o capital de comércio de mercadorias adquire o caráter de um capital que funciona autonomamente?

Primeiro pelo fato do capital-mercadoria (nas mãos de um agente distinto do fabricante) efetuar sua transformação definitiva em dinheiro, de tal forma que essa operação executada pelo comerciante (comprar e vender mercadorias) se estrutura como negócio próprio, separado das demais operações do capital industrial, portanto, de forma autônoma. No entanto, essa condição não é suficiente para atribuir a esse negócio particular a função exclusiva de um capitalista particular, o qual se distingue do capital industrial e autonomizado em face dele. São exemplos: (1) caixeiros-viajantes; (2) outros agentes diretos do capitalista industrial. Essa primeira condição é complementada pelo fato (segunda condição) de que o comerciante adianta capital monetário (próprio ou de terceiros).

Quando o comerciante compra do capitalista industrial ou a vende a ele seu $(D - M - D')$, o ciclo do capital industrial sempre expressa apenas o que, com relação ao capital comercial (forma de transição do capital industrial) é apenas $(M - D)$ meramente a execução de sua primeira metamorfose. O $(D - M)$ do capital comercial é para o industrial

simultaneamente (M – D), mas não para o capital-mercadoria produzido por este (passagem do capital-mercadoria do fabricante para o comerciante). Apenas o (M – D) do comerciante é (M – D) definitivo do capital-mercadoria em funcionamento.

Dessa forma, o capital-mercadoria assume na forma do capital de comércio de mercadorias, a figura de uma espécie particular e autônoma de capital. Ele funciona como capital ao se ocupar exclusivamente na mediação da metamorfose do capital-mercadoria, isto é, sua transformação em dinheiro (mediante compra e venda de mercadorias). O (D – M – D') do comerciante são apenas dois (M – D) do mesmo capital-mercadoria, duas vendas sucessivas do mesmo que medeiam sua venda definitiva.

O capital monetário do comerciante medeia o processo de circulação do capital industrial. Por meio dela, o comerciante transforma seu dinheiro em capital monetário, apresenta seu D como (D – M – D') e, a através desse processo, transforma o capital-mercadoria em capital de comércio de mercadorias. Essa é a situação em que capital-mercadoria transforma-se em capital de comércio de mercadorias.

O capital de comércio de mercadorias é a parte do capital industrial que se encontra no mercado funcionando como capital-mercadoria. É o capital monetário adiantado pelo comerciante destinado exclusivamente à compra e venda de mercadorias (assumindo somente a forma de capital-mercadoria e de capital monetário). Ele nunca assume a forma de capital produtivo permanecendo sempre confinada na esfera da circulação do capital.

Com a figura do comerciante, o produtor pode fazer com que o processo de reprodução material continue ininterruptamente. Ele não precisa esperar vender todo linho diretamente aos consumidores produtivos e/ou individuais para prosseguir com a produção propriamente dita. Ou então, para prosseguir com o processo produtivo teria que restringir as operações (transformação de uma parte menor de seu capital em meios de produção e força de trabalho) e ampliar sua reserva monetária. De qualquer forma, parte do capital industrial se encontra sempre como mercadoria e outra parte como capital empenhado no processo produtivo. Essa divisão não é eliminada com o aparecimento do comerciante.

A ROTAÇÃO DO CAPITAL COMERCIAL

A rotação do capital comercial não é igual a rotação ou reprodução de um único capital industrial de magnitude igual. Ela é igual à soma das rotações de diferentes capitais industriais no mesmo ou em diferentes ramos produtivos. Quanto maior a rotação do capital comercial (capital em forma dinheiro ou mercadoria, que se encontra confinado na esfera da circulação) menor a parcela do capital monetário global que atua como capital comercial. Quanto mais lento maior à parte do capital monetário que figura como capital comercial. Em países de produção menos desenvolvida, maior é a soma de capital comercial em relação à soma das mercadorias lançadas na circulação. Ele é menor em termos absolutos ou em comparação com condições de produção mais desenvolvidas.

A velocidade de circulação do capital monetário adiantado pelo comerciante depende: (1) da velocidade do consumo; (2) da velocidade da renovação do processo produtivo e com que os distintos processos produtivos se encadeiam.

A rotação do capital comercial está limitada pela rotação de todos os capitais industriais no mesmo ramo produtivo. O mesmo capital comercial pode mediar sucessivamente as diferentes rotações dos capitais industriais num único ramo. A rotação do capital comercial não é idêntica a de um único capital industrial, pois ele pode após a venda do produto fornecida pelo produtor **A** comprar e vender o produto produzido pelo produtor **B** antes de o fabricante **A** lançar novas mercadorias no mercado. O mesmo capital comercial pode igualmente mediar as rotações de capitais em diferentes setores produtivos.

O capital de comércio de mercadorias é apenas parte do capital monetário que pertence ao comerciante e que é circulado no processo de compra e venda de mercadorias. Ele representa a parte do capital adiantado para a produção, que teria de se encontrar como reserva monetária nas mãos do industrial e sempre teria de circular como capital monetário. Agora ela se encontra nas mãos dos capitalistas comerciais. Ele é tanto menor em relação ao capital global quanto mais intenso for o processo de reprodução e quanto mais desenvolvido o sistema de crédito (dinheiro como meio de pagamento).

No processo de circulação não é produzida mais-valia (ocorre apenas mudança de forma do mesmo quantum de valor). As metamorfoses das mercadorias custam tempo de circulação. Por isso, esse tempo limita a criação de valor e a mais-valia se expressará como

taxa de lucro exatamente na proporção inversa do tempo que o capital se encontra confinado na circulação. Dessa forma, o capital comercial não cria valor, nem mais-valia. Indiretamente, pode contribuir para o aumento da mais-valia quando ajuda na diminuição do tempo de circulação: (1) ampliando o mercado e mediando a divisão do trabalho entre os capitais (capacita o capital a trabalhar em escala mais ampla); (2) ao encurtar o tempo de circulação eleva a proporção de mais-valia para o capital adiantado (aumenta a taxa de lucro); (3) diminuindo a parcela do capital presente na esfera da circulação aumenta a parte diretamente empregada na produção.

O capital de comércio de mercadorias limitado a sua função de comprar para vender não produz mais-valia, mas apenas viabiliza sua realização e, com isso, simultaneamente o intercâmbio real de mercadorias (o metabolismo social).

Como o capital comercial se apropria de parte da mais-valia ou do lucro gerado pelo capital produtivo?

O lucro comercial não surge por causa da elevação nominal dos preços dos bens acima de seu valor. É mera aparência do processo de circulação dos capitais. Eis a interpretação convencional: o capitalista comercial só pode fazer lucro (lucro mercantil) se vender as mercadorias (vendidas a ele pelo capitalista industrial) a seus preços de produção ou, no caso do capital-mercadoria global vendendo-as por valores acima de seus preços de produção (fazendo um acréscimo nominal a seus preços), portanto considerando o capital-mercadoria global, vendendo-as acima de seu valor e pondo no bolso esse excedente de valor nominal sobre seu valor real.

Veja-se a mecânica desse processo aparente:

1 vara de linho custa 2 xelins. Se o lucro é de 10% na revenda, então acresce-se $\frac{1}{10}$ sobre o preço, o que dá 2 xelins e $2\frac{2}{5}$ pence. A diferença entre o preço real de produção e o preço de venda é de $2\frac{2}{5}$, o que dá um lucro de 10%. Daí vende-se o linho de fato ao comprador por um preço, que realmente é o preço de 1,1 vara ($1 + \frac{1}{10}$ vara). Isso é igual a vender a vara ao comprador por $\frac{10}{11}$ de vara por 2 xelins e ficar com $\frac{1}{11}$ de vara de linho para mim. Com $2\frac{2}{5}$ pence posso comprar novamente $\frac{1}{11}$ de vara, com o preço da vara calculado a 2 xelins e $2\frac{2}{5}$ pence. Portanto, isso seria apenas um rodeio para

participar da mais-valia mediante elevação nominal do preço dos produtos. Isso é o lucro comercial observado na aparência dos fenômenos. O lucro comercial não se produz desse jeito.

O exemplo acima se baseia no pressuposto de que o comerciante vende as mercadorias acima de seus preços de produção, ou de seus reais valores. Dessa forma, admitiu-se que o capital de comércio de mercadorias não entra na equalização da taxa geral de lucro. Tem que se abandonar esse pressuposto para desvendar como se origina o lucro comercial.

O SEGREDO DO LUCRO COMERCIAL

Karl Marx adota a hipótese de que o capital comercial também contribui na equalização da taxa geral de lucro. E ilustra através do seguinte exemplo: supõe um capital industrial de 900 ($720c + 180v$), que produz taxa de mais-valia de 100%. Daí resulta o seguinte: $720c + 180v + 180m$. O preço de produção é de 1080 e a taxa de lucro para o capital global é de 20%. Supondo que o comerciante adiante capital no valor de 100 ao capital global de 900, o capital comercial tem a sua participação no lucro global proporcional a sua grandeza. Daí ele será de 10% sobre o capital global de 1000 (900 do capitalista industrial + 100 do capital comercial). Sendo $1/10$, a sua participação na mais-valia de 180, ele terá direito a 18 desse total. Esses 18 representam 18% de todo o capital comercial de 100, o que dá uma taxa de lucro de 18%. Por contribuir na equalização da taxa geral de lucro, com a adição de 100 do capital comercial ao capital global, a taxa média geral de lucro será agora de 18%. A parte do capital industrial no montante total da mais-valia produzida será de 162, ou seja, a taxa de lucro para esse capital também será de 18% ($162/900$). O capitalista industrial venderá sua mercadoria aos comerciantes por $720c + 180v + 162m = 1062$. Por sua vez, o comerciante venderá a mercadoria produzida pelo capital industrial por ($1062+18 = 1080$), ou seja, ele acresce o lucro médio de 18% a seu próprio capital ($100 \times 0,18 = 18$) e adiciona os 1062. Por conseguinte, ele vende a mercadoria por seu preço de produção, embora faça seu lucro apenas na esfera da circulação. Em suma, ele não vende as mercadorias acima de seu preço de produção ou de

seu valor, mas apenas faz seu lucro porque comprou abaixo de seu preço de produção ou de seu verdadeiro valor junto ao capitalista industrial.

Com o capital e sua participação na equalização da taxa média geral de lucro, o preço de produção é determinado como: *preço de produção = custos + lucro médio*. No entanto, o lucro médio é determinado de outra forma. É determinado pelo lucro global produzido pelo capital produtivo total mais (+) o capital comercial, ou seja, não mais (180/900), mas sim (180/1000).

O valor real ou preço de produção do capital-mercadoria global é $= \underline{c + l + h}$, em que c = meios de produção + força de trabalho; l = lucro do capital produtivo; h = lucro comercial.

O preço de produção pelo qual o capitalista industrial vende sua mercadoria é menor do que o preço real da mercadoria ($1062 < 1080$). A totalidade das mercadorias são vendidas pelos capitalistas industriais abaixo de seus reais valores. Daí o lucro do capitalista industrial é igual ao excedente de seu preço de produção sobre seu custo [no caso acima (1062 - 900)]. Por sua vez, o lucro comercial é igual ao excedente de seu preço de venda (1080) sobre o preço de produção da mercadoria (1062). O preço real da mercadoria é: preço de produção + lucro mercantil.

O capital industrial só realiza lucro que já está contido na mercadoria como mais-valia. Da mesma forma, o capital comercial apenas o realiza porque toda a mais-valia ainda não foi realizada pelo capital industrial.

OS CUSTOS DE CIRCULAÇÃO

Os custos de circulação podem se originar do negócio comercial propriamente dito ou podem representar itens que se originam de processos de produção suplementares que existem na esfera da circulação, tais como: expedição, transporte, armazenagem, etc. Além do adiantamento na compra do capital-mercadoria, os comerciantes devem dispor de capital adicional, o qual foi adiantado na compra e no pagamento dos meios de circulação. Quando esses custos consistem em capital circulante entram totalmente no preço de venda das mercadorias. No caso do capital fixo, entra em consonância com seu tempo de depreciação, como elemento adicional no preço de venda das mercadorias.

Esses elementos constituem um valor nominal, mesmo quando não constituem nenhuma agregação real de valor da mercadoria (como os custos puramente comerciais). Seja circulante ou fixo, esse capital adicional entra na formação da taxa geral de lucro. Os custos puramente comerciais são os custos necessários para realizar o valor das mercadorias.

Importante: os custos de circulação não são criados na produção do valor de uso das mercadorias, mas sim na realização de seu valor (são custos puros de circulação). Não entram no processo produtivo, mas no processo de circulação. Eles decorrem da forma econômica do produto como mercadoria.

Os trabalhadores do comércio não criam mais-valia. A diferença entre eles e os trabalhadores produtivos é a mesma que existe entre o capital comercial e o capital industrial.

Os trabalhadores do comércio não produzem mais-valia, mas o seu trabalho não-pago é a fonte do lucro comercial. Nas palavras de Marx:

(...) A massa de seu lucro (do capital comercial) depende da massa de capital que pode empregar nesse processo, e pode empregar tanto mais dele em comprar e vender quanto maior o trabalho não-pago de seus caixeiros. A própria função, por força da qual seu dinheiro é capital, o capitalista comercial faz executar em grande parte por seus trabalhadores. O trabalho não-pago desses caixeiros, embora não crie mais-valia, cria-lhe, porém, apropriação de mais-valia, o que para esse capital, enquanto resultado, dá exatamente no mesmo; esse trabalho é, portanto, para ele, fonte de lucro. Senão o negócio comercial jamais poderia ser operado em larga escala; de modo capitalista (pág. 221).

Em suma, os trabalhadores do comércio permitem ao capitalista comercial participar da repartição da mais-valia global produzida pelo capital industrial. O preço do trabalho dos trabalhadores do comércio é determinado pelo valor de sua força de trabalho. O salário dos trabalhadores comerciais não guarda relação com a massa de lucro que ele ajuda a realizar. O que rende ao capitalista é o fato de não produzir diretamente mais-valia, mas por ajudá-lo a diminuir os custos de realização da mais-valia à medida em que ele executa em parte trabalho não-pago.

CAPITAL DE COMÉRCIO DE DINHEIRO

Os movimentos técnicos que o dinheiro realiza na circulação do capital industrial são autonomizados e passam a ser função específica de um grupo particular de capitalistas. A esse capital, Karl Marx dá o nome de capital de comércio de dinheiro.

Parte do capital global (sob a forma monetária), se autonomiza e passa a exercer essas funções meramente técnicas. Um grupo particular de capitalistas passa a executar para todos os capitalistas industriais e comerciais essas operações. Vejamos a definição de capital de comércio de dinheiro proposta por Marx:

(...) Parte do capital industrial, e mais exatamente também do capital de comércio de mercadorias, não só existiria continuamente em forma dinheiro, como capital monetário em geral, mas como capital monetário que está envolvido nessas funções teóricas. Do capital global se separa agora e se autonomiza determinada parte em forma de capital monetário, cuja função capitalista consiste exclusivamente em executar para toda a classe dos capitalistas industriais e comerciais essas funções. Assim como no caso do capital de comércio de mercadorias, parte do capital industrial, existente no processo de circulação na forma de capital monetário, se separa e executa essas operações do processo de reprodução para todo o capital restante (pág. 237).

O trabalho de cobrar dinheiro e de pagar dinheiro é um trabalho em si que, à medida que o dinheiro funciona como meio de pagamento torna necessários atos de compensação, balanços, etc. Ele passa a ser desempenhado por uma classe particular de capitalistas que o faz para o restante dos capitalistas.

O pagamento de dinheiro, cobrança, acertos dos balanços, operações de contas correntes, guarda do dinheiro, etc. separadas dos atos nos quais essas operações se tornam necessárias convertem o capital adiantado nessas funções em capital de comércio de dinheiro.

A circulação monetária é mero resultado da circulação de mercadorias. Daí que o comércio de dinheiro não medeia apenas a circulação monetária. A circulação do dinheiro já está dada para ele. O comerciante de dinheiro medeia as operações técnicas, que ele concentra e simplifica. Na seção “*O capital de comércio de dinheiro*” Karl Marx considerou esse comércio apenas em sua forma pura, ou seja, abstraindo o sistema de crédito. Por conseguinte, o capital de comércio de dinheiro só tem a ver com a técnica

relativa a circulação do capital monetário (mero resultado da circulação dos bens produzidos) e com as diversas funções do dinheiro daí decorrentes.

Marx expõe da seguinte maneira, o processo de valorização do capital de comércio de dinheiro:

À medida que, nessa mediação técnica da circulação monetária, capital monetário é adiantado por uma categoria específica de capitalistas (...), também está presente aqui a forma geral do capital $D - D'$. Mediante o adiantamento de D , gera-se $D + \Delta D$ para quem o adianta. Mas a mediação de $D - D'$ refere-se aqui não aos momentos materiais, mas aos momentos técnicos da metamorfose (pág. 242).

O lucro do capital do comércio de dinheiro é apenas dedução da mais-valia, ou seja, ele não cria mais-valia tal como no caso do capital do comerciante de mercadorias analisado anteriormente.

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O CAPITAL COMERCIAL

O capital comercial (capital de comércio de dinheiro ou de comércio de mercadorias) não pode ser entendido como uma espécie particular do capital industrial, ou seja, como esfera de investimento particular do capital industrial.

O capital comercial é mais antigo do que o modo de produção capitalista. Ele é o modo de existência historicamente mais antigo do capital. O capital comercial precisa para a sua existência apenas das condições da circulação simples de mercadorias e do dinheiro (nada mais do que isso). Ou seja, ele existe independentemente do caráter do modo de produção, no qual o produto é transformado em mercadoria (produção escravista, pequena produção camponesa, produção pequeno-burguesa, produção capitalista, etc.).

O capital comercial é a forma histórica do modo de produção capitalista. Sua existência e seu desenvolvimento é o pressuposto histórico do modo de produção capitalista pelos seguintes motivos: (1) o capital comercial é a condição prévia da concentração da fortuna em dinheiro (monetária); (2) porque o modo de produção capitalista pressupõe produção para o comércio, venda por atacado e não ao cliente individual; e (3) seu desenvolvimento atua no sentido de dar à produção caráter cada vez mais voltado para o valor de troca (transformação dos produtos em mercadorias). Por conseguinte, o

desenvolvimento autônomo do capital comercial é inversamente proporcional ao desenvolvimento econômico geral da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986. v. 4. Coleção Os Economistas. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.